UMA MENSAGEM DAS MENINAS PARA O BRASIL

A pandemia de Covid-19 representa um desafio sem precedentes para todos os países do mundo e afeta as populações de maneiras diferentes de acordo com a realidade social e política de cada localidade. No Brasil, a pandemia agravou diversas formas de desigualdades sociais, afetando especialmente as populações mais vulnerabilizadas.

A crise de saúde evidenciou a fragilidade do acesso aos serviços e a necessidade de cuidados em saúde orientados para a prevenção de doenças e promoção de hábitos saudáveis, com o debate sobre isolamento social e fatores de risco para a Covid-19. Por outro lado, potencializou a desigualdade social gritante entre quem pode fazer isolamento social e quem precisa escolher entre cuidar da saúde e ter renda para manter sua família.

A imposição do isolamento domiciliar também trouxe à tona, mais uma vez, a triste realidade de que, para meninas e mulheres, nem sempre o ambiente familiar é o mais seguro. Meninas entre 12 e 14 anos são as vítimas mais frequentes de violência sexual e seus agressores são, na maioria das vezes, familiares e conhecidos. O noticiário em todo o país aponta o aumento de casos de violência doméstica contra mulheres e a necessidade de mais e eficientes serviços e mecanismos de prevenção e atenção à violência de gênero.

O fechamento das escolas foi um desafio para crianças e adolescentes de todo o país, mas, para alguns grupos, o ensino à distância representou mais um fator de exclusão social, já que a dificuldade de acesso a recursos tecnológicos e falta de apoio educacional afetou especialmente meninas e meninos com menos recursos, gerando impactos significativos no seu direito à educação. Além disso, o trabalho doméstico, frequentemente destinado exclusivamente a meninas e mulheres, representa mais um risco para o acesso à educação e profissionalização, tornando-as as principais responsáveis pelos cuidados familiares e domésticos e possivelmente afastando-as de projetos e sonhos pessoais e profissionais.

A pandemia de Covid-19 nos mostra que, apesar de todo o marco legal nacional e internacional de proteção e promoção de direitos de meninas e mulheres, situações de crise evidenciam a fragilidade de populações vulnerabilizadas e a necessidade de estarmos atentas a possíveis retrocessos e fortalecidas para a defesa da dignidade e liberdade de meninas e mulheres. E para que meninas possam exercer seus direitos e viver suas histórias plenamente, ainda é preciso promover muitas transformações na nossa sociedade, começando pela necessidade de lançar luzes sobre a realidade que nós, meninas, vivenciamos. Os relatos da pandemia a que se assiste constantemente na TV ou se escuta nas rádios nunca abordam a nossa situação e dessa maneira sempre ficamos para trás.

Porque acreditamos que as mudanças são possíveis e porque acreditamos que elas não são possíveis sem a nossa participação, nos envolvemos em projetos que nos ajudam a fazer ecoar nossas ideias e nos proporcionam espaços de incidência política. Pensando nesse movimento, a Plan International Brasil e outras organizações no país reuniram um grupo de meninas de todas as regiões, com idade entre 15 e 20 anos, pensando a diversidade e representatividade do território brasileiro para discutir o que vem sendo chamado de *novo normal* na perspectiva das meninas. Fomos apagadas na cobertura da pandemia, mas estamos cientes de que ela ainda não acabou. E precisamos assegurar que toda a sociedade nos leve em conta na construção do mundo pós-pandemia.

Somos um grupo de 26 meninas das cinco regiões do Brasil, engajadas em discutir e compreender nossas demandas relacionadas à saúde, educação, renda e combate à violência, e dispostas a criar estratégias para sensibilizar e influenciar governos e autoridades sobre nossos direitos. Não permitiremos retrocessos e reforçamos os compromissos assumidos pelo Brasil em diferentes acordos internacionais, incluindo a Agenda dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que afirma que será objetivo do país “Promover a Igualdade de Gênero e Empoderar todas as meninas e mulheres” e cobramos então a responsabilidade do Estado brasileiro na promoção e defesa dos direitos de meninas.

Para materializarmos isso, estivemos juntas num processo de discussão que se iniciou em julho de 2020 em rodas de conversas virtuais e culminou numa reunião de trabalho virtual em 3 de setembro de 2020 para discutir nossas demandas e compartilhar as estratégias que estamos utilizando em nossas famílias, comunidades, cidades e estados para enfrentar este momento tão crítico da nossa sociedade.

Nosso apelo surge do reconhecimento e da apropriação do nosso direito de participação e de sermos ouvidas sobre aquilo que diz respeito às nossas vidas. Estamos engajadas no compromisso de ajudar líderes e autoridades a tomarem decisões mais condizentes com nossa realidade e que apontem para resultados mais efetivos, pois um mundo bom para as meninas é um mundo bom para todo mundo!

Dividimos as discussões feitas no nosso encontro em três eixos: educação, proteção e saúde. Em cada tópico apresentaremos aqui um copilado do que foi discutido no nosso momento on-line também nos encontros anteriores que fizemos pelo nosso grupo virtual.

1) Saúde

"Nosso corpo é nosso templo" – Itocovoti, (adolescente Pataxó, representante da Bahia)

Percebemos que os espaços públicos de saúde não estavam preparados, durante a pandemia, para receber pessoas com questões de saúde que não fossem a Covid-19, sobretudo problemas psicológicos que ficaram mais evidentes com tudo que tem acontecido neste contexto. Para nós, meninas, é importante frisar que quando nossos familiares ficam doentes somos nós que passamos a tomar conta da casa e dessas pessoas enfermas, ficando mais expostas a diversos riscos e a questões emocionais.
É preciso notar também durante a pandemia as questões da saúde menstrual das meninas, visto que a saúde sexual e a saúde reprodutiva e os direitos sexuais e os direitos reprodutivos precisam estar no foco das políticas de saúde direcionadas para adolescentes e jovens.

Pensando nas questões de saúde queremos:

- Ser atendidas com qualidade - que profissionais estejam preparados para reconhecer nossas necessidades e respeitem nossos direitos, e nossa identidade de gênero e afetivos sexuais;
- Que não faltem médicos e médicas em nenhuma das localidades onde vivemos, sejam elas na cidade, no campo ou na floresta;
- Que existam programas de saúde que reconheçam nossas especificidades de meninas tanto na promoção da saúde, na prevenção, como também no atendimento;
- Que tenhamos acesso à informação de qualidade e com linguagem acessível sobre a saúde;
- Que tenhamos informação e condições de escolher livremente sobre nossos direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Para isso, queremos ter:

- Políticas de saúde voltadas especificamente para as meninas;
- Humanização no atendimento às meninas adolescentes;
- Educação sexual nas escolas;
- Programas e políticas públicas eficientes na perspectiva do bem-estar emocional.

2) Proteção

"Por uma sala de aula com menos risco para as meninas" – Iara (adolescente representante do Pará)
"Os teclados tornam as pessoas mais covardes" – Carolina (adolescente representante do Rio Grande do Sul)

A violência contra crianças e adolescentes e contra meninas e mulheres aumentou assustadoramente durante a quarentena. As meninas crescem numa sociedade que as deslegitima e precisam ter suas vozes respeitadas para relatar os abusos que sofrem, sobretudo o psicológico. Este quadro evidencia a urgência de políticas efetivas de proteção para esses grupos. Durante a pandemia, o aumento da violência on-line e psicológica contra meninas também é alarmante. Os dados apontam para uma realidade que coloca meninas e mulheres em situação de risco constante. Pensando nisso, precisamos urgentemente:

- Que as meninas possam ter a garantia para se sentirem seguras;
- Ser protegidas contra o abuso e violência sexual e de todos os demais tipos de violências;
- Que os serviços de segurança pública não reforcem a violência psicológica que as meninas já sofrem;
- Que nos serviços de segurança pública e de proteção sejamos atendidas por outras mulheres para que não sejamos revitimizadas;
- Que as leis e os programas reconheçam nossas especificidades como meninas e mulheres, que nos protejam de forma igualitária;
- As empresas de redes sociais precisam levar as denúncias de violência on-line mais a sério;
- Que as autoridades olhem para a violência no campo, como essas meninas podem denunciar, a quem elas podem recorrer;
- Que as políticas públicas afirmativas sejam mais efetivas para garantia de proteção às meninas e mulheres.

Para isso, queremos:

- Delegacias da mulher e de crianças e adolescentes abertas 24 horas, com presença de mulheres que possam nos atender;
- Que as leis sejam efetivas e nos protejam realmente;
- Que as delegacias especializadas ao atendimento de crianças e adolescentes, tenham também um enfoque de gênero;
- Que o transporte público seja seguro e adequado para todas nós, e que tanto o caminho como nossas escolas sejam seguras;
- Que os processos de mobilização da sociedade não sejam reprimidos para que a gente continue lutando para que os passos em relação à proteção das meninas se fortaleçam.

3) Educação

"Pesquisas preveem que uma grande porcentagem de meninas não retornará para a escola quando a pandemia acabar. Vamos lutar juntas para que as estimativas não se tornem uma realidade" – Auricélia (adolescente representante do Piauí).

"Para a educação no "novo normal" queremos garantir o acesso! *Garantia e permanência de processos que promovam a equidade de gênero"* – Carolina (adolescente representante do Rio Grande do Sul).

As meninas são desassistidas e o governo federal não tem atenção nem retorno em relação à educação na pandemia. No Nordeste, nos estados do Maranhão e de Pernambuco, existe um avanço nesse sentido como a distribuição de chips para alunas e alunos no período do ensino à distância.
As meninas não conseguem estudar porque fazem as tarefas domésticas e ajudam as mães em casa. O espaço rural tem sofrido de forma mais intensa com o ensino remoto, devido às más condições de internet no campo. As meninas precisam ter direito à participação e ao acesso de qualidade à educação, pois no momento há uma ausência de políticas públicas que possibilitem essa participação das meninas.
As meninas têm sofrido com questões emocionais durante a pandemia porque além de todas as questões a que estão expostas precisam dar suporte à família e isso afeta ainda mais seu bem-estar emocional.

As políticas são muito rasas. Elas garantem que as meninas entrem na escola, mas não tem nada sobre permanência e igualdade na sala de aula. O machismo segue, e isso sem nem falar de zona rural ou comunidades tradicionais, onde a educação e o direito a ir à escola são muito prejudicados pela falta de estrutura.
Queremos sim participar de fóruns, encontros, conferências, mas precisamos de eventos e espaços com mais adolescentes meninas. Esses eventos devem ser atraentes e devem ter ações específicas para adolescentes meninas; devem ter uma oratória e linguagem jovial, com metodologias e dinâmicas diferentes, com espaços de integração entre adolescentes e adultos, mas com espaço para a fala dos jovens. Ainda há muito preconceito quando adolescentes se expressam. Nesse sentido precisamos:

- De condições acessíveis para o ensino à distância durante a pandemia e políticas públicas que atendam às diversidades e acolham as meninas em suas especificidades, levando em conta a territorialidade de um país de dimensões como o Brasil;
- Que a política de educação dê conta de acolher e dar suporte às comunidades que não têm acesso à internet e que o Estado garanta acesso à tecnologia básica e de qualidade em todo o território nacional;
- Que nossas escolas sejam um lugar agradável, bonito e seguro para nós, meninas;
- Ser tratadas com respeito, e não correr riscos de sofrer assédio, abuso e violência sexual;
- Um ambiente educacional baseado na cultura de paz e tolerância livre de bullying, violências e discriminações;
- Uma escola que nos prepare para a vida em condições iguais às dadas aos meninos;
- Que as meninas tenham espaços para que possam dialogar e discutir entre si sobre suas questões emocionais e que tenham serviços de qualidade para acessar o apoio de que precisarem;
- Que as leis existentes sobre educação no Estatuto da Criança e do Adolescente sejam postas em prática de forma mais eficiente

Para isso propomos:

- Programas que garantam nossa segurança e proteção na escola e no trajeto para ela;
- Que as escolas sejam mais próximas de nossas comunidades e o transporte escolar seja sempre seguro e de fácil acesso;
- Maior efetividade dos programas e das campanhas de prevenção nas escolas, que sejam integrais e em todo território nacional;
- Que programas como Jovem Aprendiz cheguem a todo o território nacional.

Autocuidado e luta

Nesta quarentena, aprendi um pouco sobre o amor próprio, com as técnicas de respiração do yoga, aprendi a estar presente no agora.
Camila (adolescente representante de São Paulo)

Neste encontro, discutimos também que o autocuidado é muito importante para nossa sobrevivência, sobretudo nesse período de tantos desafios. Por isso, pensamos em algumas estratégias que compartilhamos em grupo e que podem servir para outras meninas que estão vivendo os mesmos desafios:

- Importante atentar para as questões e os cuidados de si, fazer um cronograma das atividades diárias ou da semana;
- Que possamos, se possível, ter momentos durante dia ou a semana de reflexão para pensar o que cada uma está fazendo, o que podemos fazer por nós mesmas;
- Que consigamos e tentemos nos desligar um pouco das notícias e buscar algum refúgio para a proteção e salvaguarda emocional;

- Que possamos e tentemos incentivar outras meninas e mulheres para que continuem lutando e sobrevivendo, que as meninas continuem se colocando nos espaços, usando suas vozes e se fazendo serem ouvidas;
- Procurar fazer meditação, estar em contato com a natureza se possível e procurar apoio com amizades e pessoas de confiança;
- Buscar um fortalecimento como coletivo para que possamos nos sentir seguras para enfrentarmos as situações em épocas de pandemia;
- Usar as redes sociais para fortalecer as pessoas próximas, enviar mensagens de apoio e acolhimento para outras meninas e mulheres.

Meninas
Auricélia, 18 anos, Teresina/PI
Bianca, 15 anos, Salvador/BA
Bruna Vitória, 18 anos, São Luís/MA
Carolina, 20 anos, Caçapava do Sul/RS
Daniele, 20 anos, São Paulo/SP
Fernanda, 20 anos, Mirandiba/PE
Iara, 18 anos, Remanso/BA
Iara, 19 anos, PA
Isabelle, 19 anos, Brasília/DF
Itocovoti Pataxó, 19 anos, BA
Jéssica, 17anos, AL
Júlia, 17 anos, Rio Branco/AC
Juliana, 20 anos, Boa Vista/RR
Kellen, 17 anos, São Paulo/SP
Lara, 20 anos, João Pessoa/PB
Lara, 20 anos, Vila Velha/ES
Laura, 19 anos, Goiânia/GO
Luana, 14 anos, Mirandiba/PE
Luiza, 18 anos, São Luís/MA
Melissa, 17 anos, Rio de Janeiro/RJ
Millena, 17 anos, Teresina/PI
Sophia, 17 anos, São Paulo/SP
Thais, 21 anos, Mossoró/RN
Vanessa, 19 anos, Porto Alegre/RS
Vitória, 16 anos, São João de Meriti/RJ
Vivian, 19 anos, AL

Realização
Plan International Brasil

Comissão Organizadora
Campanha Nacional pelo Direito à Educação
ChildFund
CONAPETI
Engajamundo
Girl Up
Instituto Alana
Minas Programam
Terre des Hommes Suisse
Visão Mundial